

Exercícios espirituais: escola de formação para a Pedagogia Inaciana

Referência: KLEIN, Luiz Fernando. "Exercícios Espirituais: Escola de Formação para a Pedagogia Inaciana". São Leopoldo: UNISINOS, II Encontro de Professores de Teologia da AUSJAL, 2/9/1999.

A bibliografia pedagógica inaciana, especialmente os documentos Características da Educação da Companhia de Jesus (1986: n. 155-168) e Pedagogia Inaciana, uma proposta prática (1993: 99 a 115), explicitam a conexão entre o pequeno livro de Inácio, Exercícios Espirituais (Loyola: 1985), e o novo paradigma pedagógico dele decorrente.[2] No entanto, poucos textos tratam dos Exercícios como condição de formação para os agentes da novidade educativa, o que me sugere abordar o assunto sob o título: Exercícios Espirituais: escola de formação para a Pedagogia Inaciana.

Neste trabalho, ressalto os Exercícios Espirituais como a fonte onde o agente da Pedagogia Inaciana pode captar, vivencialmente, os requisitos fundamentais para aplicar o novo paradigma pedagógico: a experiência de um método e de um processo, a consciência de papéis e relações, uma visão global integradora. No final proponho algumas pistas para a participação do educador nesta 'escola'.

CLARIFICANDO CONCEITOS

Os Exercícios Espirituais são a experiência espiritual que Inácio de Loyola foi realizando e anotando sozinho desde a sua convalescença em Loyola, e o retiro em Manresa, que depois consubstanciou no pequeno livro com esse nome, aprovado pelo Papa Paulo III em 1548.[3] Frequentemente, mas restritivamente chamados retiros, os Exercícios são um itinerário para ajudar a pessoa a identificar e remover todos os impedimentos ao seu desenvolvimento integral, de modo a poder ouvir os apelos de Deus e a comprometer a sua vida no seu seguimento. Não é um tratado de teologia nem de espiritualidade, mas um manual prático, com indicações precisas para o orientador e o exercitante, sugestões de temas para meditação, de acordo com a vivência da pessoa, à luz da Bíblia.

A Pedagogia Inaciana abrange a atual visão pedagógica e a correspondente proposta didática apresentadas pela Ordem dos Jesuítas às suas instituições apostólicas, a começar das educativas. Essa pedagogia vem sendo elaborada de modo mais intenso nos últimos trinta anos ou, precisamente, a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-65), da 31ª Congregação Geral da Companhia de Jesus (1965-66) e do início do mandato do P. Pedro Arrupe como Superior Geral dos Jesuítas (1965). As forças implicadas nesse trabalho de elaboração, e cuja produção bibliográfica é expressiva, especialmente no Brasil, têm sido o governo central da Ordem, as comissões especialmente constituídas para tal e os agentes educativos (dirigentes, docentes e técnicos) das unidades educativas presentes em cerca de 70 países.[4] Esse movimento pedagógico visa a capacitar as instituições educativas e seus educadores a responderem às interpelações e necessidades do mundo que muda rápida e profundamente, através do serviço da fé, da promoção da justiça, do diálogo intercultural e interreligioso, de modo a formar seus alunos como líderes de serviço, à imitação de Jesus Cristo. O motor da renovação é o resgate da experiência espiritual de Inácio de Loyola e dos princípios metodológicos dos Exercícios Espirituais, dos quais nasceu esta pedagogia. Pedagogia Inaciana é, portanto, um termo mais amplo, enquanto oferece uma visão cristã do mundo e do ser humano, uma direção humanista para o processo educativo e um método personalizado, crítico e participativo. A qualificação inaciana desta pedagogia quer enfatizar sua diferença com relação à pedagogia jesuítica, sobejamente conhecida até os marcos históricos acima mencionados, mas na qual a referência aos Exercícios não transparecia tão evidente.

No esforço de ajudar a sua rede de instituições educativas a responderem às interpelações do mundo contemporâneo, a Ordem dos Jesuítas buscava, no início desta década, um estilo, um padrão, um modo pedagógico eficaz, que estivesse, ele mesmo, impregnado dos valores a serem

propostos aos alunos a fim de favorecer-lhes a conversão de mentalidade, de sentimentos e de ações. Esse caminho se afigurava como mais adequado do que tratar os valores à parte, em disciplinas específicas que saturariam o currículo, ou como atividades complementares e, por isso, muitas vezes consideradas secundárias - à programação acadêmica (P. 4 e 89).[5] Na sua 33ª Congregação Geral (Congregação Geral, 1984: n. 22) os jesuítas descobriram o referencial que buscavam: a inter-relação de experiência, reflexão e ação. Reconhecendo que esta tríade já existia nos Exercícios Espirituais, acrescentaram-lhe a contextualização e a avaliação, constituindo, assim, o Paradigma Pedagógico Inaciano, o PPI.

O PPI integra uma didática, fundamentada e descrita no documento *Pedagogia Inaciana*. Uma proposta prática, que encoraja a sua aplicação.[6] O paradigma apresenta as condições e o modo de se organizar o ensino e a aprendizagem segundo a visão inaciana.[7] É denominado padrão, estilo, ótica, visão, modo de atuar pedagógico. Entendemo-lo como um método, na acepção etimológica de caminho a percorrer para atingir determinado fim, não se restringindo a precisar regras.

Importa distinguir *Pedagogia Inaciana* e *Paradigma Pedagógico Inaciano*, pois com frequência soam como sinônimos.

A EXPERIÊNCIA DE UM MÉTODO E DE UM PROCESSO

Os educadores das instituições educativas jesuítas têm sido estimulados a freqüentar a escola dos Exercícios. Estes revelam-se como uma pedagogia com objetivos claros a atingir no conjunto da experiência, nas suas diversas etapas e em cada exercício. A repetida fórmula da oração inicial das meditações - 'pedir lo que quiero' - previne o exercitante de caminhar a esmo, sem direção. Mas os Exercícios apontam, sobretudo, para uma finalidade para além de si mesmos, ultrapassando o período de sua realização, pois visam à reforma de vida do exercitante.[8] Para assegurar os objetivos, Inácio sugere três instâncias de avaliação - a revisão da oração, o exame das moções espirituais e o diálogo com o orientador -, a serem realizadas ao longo da trajetória espiritual, de acordo com as metas pretendidas. Esses elementos tornam-se inspiração preciosa para o redirecionamento do processo educativo formal, ainda em muitos lugares presa de uma política educativa instrumental e imediatista.

Marca evidente dos Exercícios, mais que os conteúdos que propõe, é o seu avanço metódico e progressivo, com 'modo y orden' (EE: 2),[9] conforme a inspiração do 'modus Parisiensis'. [10] Modo é a maneira, a forma, o procedimento, as técnicas e as regras da trajetória a ser percorrida. Orden refere-se ao encadeamento lógico da matéria e dos pontos sugeridos em cada etapa (semanas) dos Exercícios. Modo y orden constituem a vertebração do método, conferindo-lhe identidade.

Caracteriza também o método de Inácio a variedade de exercícios sugeridos: meditação, contemplação, aplicação de sentidos, repetição, revisão, orações vocais, entre outros. Baseiam-se na importância da atividade e do envolvimento integral da pessoa que busca a vontade de Deus com seu entendimento, memória, imaginação, emoções e vontade. A *Pedagogia Inaciana* (P. 42) defenderá que:

...a experiência inaciana ultrapassa a compreensão meramente intelectual e estimula [o exercitante] a valer-se tanto da experiência, da imaginação e dos sentimentos, como do entendimento. As dimensões afetivas do ser humano devem ficar tão implicadas quanto as cognitivas, pois, se o sentimento não se alia ao conhecimento intelectual, a aprendizagem não moverá ninguém à ação.[11]

Os Exercícios apresentam um método e um processo que o exercitante vivencia personalizadamente. Princípio básico é o da flexibilidade, da adaptação do número, da variedade e

da duração dos exercícios à pessoa, considerando: temperamento, idade, cultura, inteligência, saúde, desejo e expectativas, empenho e zelo, situação espiritual (em pecado ou em progresso) e situação social (posição e responsabilidade). Não se impõe um molde, igual para todos, porque uns são mais rápidos do que outros para conseguir o que desejam. Importa que o ser humano esteja a gosto na experiência que realiza, desfrute tranqüilamente da iluminação ou da consolação, sem ter ânsia de passar adiante (EE: 76). Este princípio requer observação, competência e criatividade do orientador/educador.

A Companhia de Jesus descredencia para as suas instituições educativas o método de ensino 'bancário', no qual o professor transmite os mesmos conteúdos, ao mesmo tempo, de igual modo, a todos os alunos, desconsiderando seu contexto, seu envolvimento e reações. Como modelo de ensino para a educação da Companhia de Jesus diz o texto -, é muito deficiente (P. 31). Justificativa desse posicionamento é a ausência da reflexão, entendida como a busca do significado e as implicações daquilo que o aluno constrói. Refletir é uma das recomendações mais recorrentes (13 vezes!) no texto dos Exercícios, assim como é a dinâmica essencial (P. 31) do paradigma pedagógico inaciano. Não se trata meramente de uma introspecção do exercitante nem o pensar sobre determinado assunto proposto, mas voltar continuamente sobre si mesmo e ir a fundo, durante e após cada exercício, a fim identificar o teor e a direção dos pensamentos e sentimentos experimentados. Por isso, a reflexão é favorecida por exercícios específicos como o exame, a revisão e a repetição; pelo afastamento o retiro da pessoa do contexto ordinário de vida; e pelo silêncio, condição de escuta e de análise interior. Tudo deve ajudar o exercitante a decantar suas experiências, rejeitando acumulá-las apenas.

O orientador dos Exercícios sabe que não basta sugerir ao exercitante o conteúdo a trabalhar. No seu livro Inácio é pródigo em apresentar, além das Anotações e Adições, notas e preâmbulos para a oração. São estruturas de apoio, necessárias para manter a vontade na direção do fruto pretendido. Assegurada pelo orientador e pelas recomendações, a pessoa aprende como preparar, realizar e avaliar cuidadosamente cada exercício, que devem ter muito claros a finalidade, a modalidade, o ambiente e a duração.[12] Uma vez que experimentou nos Exercícios o valor das estruturas de apoio para o fim que se pretende, o educador buscará implantar algo análogo no processo de ensino e aprendizagem que lhe cabe orientar.

Além da vivência de um método e de um processo, como vimos, os Exercícios também oferecem ao exercitante a consciência de papéis e relações entre as pessoas.

A CONSCIÊNCIA DE PAPÉIS E RELAÇÕES

Os Exercícios delineiam com precisão os papéis do exercitante e do orientador, assim como a relação entre si. Ao propor um paradigma pedagógico, calcado no método dos Exercícios, a Pedagogia Inaciana também inova ao apresentar os papéis e as atitudes dos seus protagonistas - o educador e o educando diferentes da pedagogia tradicional.

Pelo fato de não se restringirem a um tema, mas permanecerem abertos à realidade e ao ritmo de cada exercitante, os Exercícios assemelham-se ao mergulho da pessoa numa novidade constante - que naquele momento ainda não foi experimentada pelo menos de tal forma, em tal profundidade, ou com determinado matiz. Exercícios e estudo são sempre busca, novidade, construção! Contrariamente ao paradigma transmissivo, massivo e passivo, o paradigma inaciano mostra a indispensabilidade do envolvimento do educando no seu processo educativo. Tal como os Exercícios, este processo é um caminho que não existe pronto e igual para todos os alunos, mas apenas esboçado em suas linhas gerais. Necessita ser detalhado e construído e em seguida trilhado de modo pessoal por cada um. O aluno/exercitante passa a ser o seu arquiteto e construtor, além de beneficiário. Cabe-lhe, por isso, protagonizar esse trabalho, novo nome do seu estudo, da sua tarefa como estudante. Ele se encontra o tempo todo em atividade, com um horário recheado pela variedade de exercícios sugeridos por Inácio. Aí encontram-se a originalidade, a criatividade, a pesquisa, o espírito artístico e comunicativo do ser humano, seu criador.

Trilhar o itinerário proposto nos Exercícios requer do interessado, como se depreende das Anotações e das Adições, algumas atitudes básicas: motivação, liberdade, generosidade, reflexão e perseverança.

O que mobiliza a pessoa a encetar e prosseguir os Exercícios também denominada Pedagogia dos desejos - é sua motivação, o desejo, o empenho em atingir a finalidade: buscar uma iluminação interior e uma satisfação vital que suspeita poder aí encontrar. Inácio não deixa de recordar nos preâmbulos de cada meditação e contemplação, e também nos colóquios de várias delas, a necessidade de pedir sempre o que quer, no início de cada exercício que faz. Sendo construtor do próprio caminho, é fundamental que o exercitante/aluno mantenha sua motivação acesa, até atingir o que procura.

Liberdade, mesmo sob o risco da acomodação ou desistência, é a condição para que os Exercícios sejam uma experiência humana. O orientador é prevenido por Inácio a não restringir essa faculdade do exercitante impondo-lhe suas idéias ou decisões de vida (EE. 15). Retomando igual procedimento, a Pedagogia Inaciana considera a manipulação ou doutrinação dos alunos como uma tentação a rondar o educador, insistindo em que tudo se deve fazer com total respeito à liberdade do aluno, até de quem resiste ao amadurecimento! (P. 56).

Grande ânimo e generosidade (EE. 5, 20) constituem para Inácio o requisito indispensável para a realização dos Exercícios: abertura incondicional a Deus, para ouvir, discernir e realizar a sua vontade. É a mística do 'mais', descrita na 7ª seção de Características e estimulada pela Pedagogia Inaciana. Embora explicitada apenas uma vez, a perseverança é sugerida ao exercitante visando a que o espírito fique satisfeito (EE. 12), em permanecer o tempo que fixou para cada exercício, resistindo às tentações de abreviá-lo. Vivendo o papel de protagonista e intérprete - não espectador - da história que realiza, o participante dos Exercícios experimenta, antes de tudo, a motivação, a responsabilidade e a satisfação serem despertadas.

O orientador desempenha um papel imprescindível, preciso, mas discreto: orientação e estímulo. Recebe diariamente a pessoa e inquire se faz os exercícios nos tempos marcados e como, e se cumpre as Adições (EE: 6). O orientador não substitui o exercitante na sua busca, não lhe impõe o ritmo de trabalho, mas contém-se para orientá-lo no 'modo y orden' dos exercícios, fornecendo-lhe antes um roteiro, aberto, flexível, do que um mapa definido e detalhado. Além disso, o orientador dos Exercícios é também quem estimula o exercitante a dar o máximo de si, na mística do 'magis', em busca dos frutos desejados para cada momento. Por isso, no 2º Congresso Inaciano de Educação[13] eu havia expressado o entendimento do professor como discernidor[14], pois ele contextualiza a situação que carece de uma solução pedagógica; mira a meta educativa apostólica a atingir; mantém-se desapegado diante das alternativas possíveis; pesquisa e consulta junto a pessoas ou fontes com ideais e critérios semelhantes; opta pela melhor solução e confere seu acerto com a sua supervisão (Klein 1998a :138 ou 1998b:74).

Orientador e exercitante encontram no pressuposto inaciano (EE. 22), o critério para garantir uma relação de respeito, confiança e colaboração para realizar os Exercícios. O mesmo pressuposto é indicado no documento Características como modelo para as relações entre os integrantes de uma comunidade educativa (C. 158).

Vivendo as atitudes acima descritas, o exercitante pode ir desenvolvendo a liberdade, discernindo e optando, segundo seu interesse, capacidade e ritmo, pela variedade e intensidade dos exercícios que mais lhe convêm. Tais atitudes poderão ser facilmente compreendidas pelo educador porque ele mesmo as terá experimentado na escola dos Exercícios Espirituais. Terá sentido e reconhecido em si as moções favoráveis e contrárias a começar a trajetória e a necessidade de manter vivas a motivação, a liberdade e a generosidade. Terá também mergulhado inúmeras vezes no próprio interior para re-flectere, fazer espelhar os pensamentos e sentimentos vividos em cada exercício a fim de identificar-lhes o sentido, a direção e o proveito. Verá que a formação dos alunos para a autonomia não se dá apenas pelo seu desejo e esforço, mas é viabilizada pela atitude fundamental de crença na dignidade do ser humano e esperança no seu desenvolvimento.

UMA VISÃO INTEGRADORA

Terceira aquisição proporcionada ao pedagogo inaciano pela escola dos Exercícios é a visão global e integradora. Através da oração sobre a própria vida, à luz da Sagrada Escritura, na atitude da 'indiferença inaciana', vivida no Princípio e Fundamento (EE. 23), e amparado por metodologia e estruturas adequadas, o exercitante vai logrando um entendimento do 'nó de relações' que influi na sua vida e na proposta inaciana de educação: a relação consigo mesmo, com Deus, com os outros e com o mundo.

Os exercícios da 1ª Semana, notadamente a consideração do Princípio e Fundamento (EE. 23), e as meditações sobre o pecado e a misericórdia de Deus (EE. 45 e ss.), deixam no exercitante a certeza de ser um pecador amado pessoal e apaixonadamente pelo Senhor. Sente-se obra prima do Criador, portador de um dinamismo que lhe capacita a superar-se continuamente. Merece, por isso, uma atenção singular para ser ajudado, pelo processo educativo, a aceitar-se realisticamente e a libertar-se de todas as forças interiores e exteriores - que o impedem de atingir o que o realiza: aderir livre e generosamente a Deus e trabalhar com Ele no aperfeiçoamento da criação.

A purificação de imagens inadequadas de Deus o exercitante pode lograr sobretudo através da Contemplação para alcançar amor (EE. 230 e ss.). Deus trino criou e continua agindo e sustentando por amor toda a realidade: o mundo, a história, o conhecimento. Pode ser reconhecido no mundo, mas, de modo eminente, no ser humano. Jesus Cristo, revelador do rosto de Deus, continua vivo no meio de nós, sendo modelo de vida humana, mesmo para aqueles que não têm fé, devido à eloquência do seu testemunho e compromisso. Está presente sacramentalmente na Igreja, cuja missão evangelizadora é a razão de ser das instituições educativas.

De modo especial através das meditações tipicamente inacianas[15], o exercitante conclui que, embora sacudido por forças do bem e do mal, o mundo é bom, porque preme da bondade de Deus, e encontra-se em constante transformação. É nele que Jesus se encarnou e viveu e onde se define o destino humano. Por isso, o mundo merece ser estudado, o que ajudará a suscitar nas pessoas a admiração por e o encontro com quem o criou. O esmero de Inácio em apresentar os esclarecimentos para o exercitante fazer a eleição (EE. 169 e ss.) e os dois conjuntos de Regras para discernir os espíritos (EE. 313 e ss.) fornecem um instrumental precioso para o educador inaciano identificar, continuamente, as forças que o mobilizam, assim como seus alunos, sua comunidade educativa e a sociedade em que vive.

A experiência dos Exercícios propicia ao exercitante uma visão proporcionada de si, com os outros, no mundo e para Deus. A articulação da estrutura (etapas e frutos a alcançar) do método com a variedade, nível de profundidade e periodicidade dos exercícios, conduzem a pessoa a conhecer-se e a aceitar-se com verdade e amor, pois terá percebido que é assim como Deus o olha.

PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA DOS EXERCÍCIOS

O paradigma pedagógico inaciano, antes que técnicas ou práticas determinadas, sugere um estilo, uma atmosfera, um novo modo de conceber e realizar o processo educativo (P. 10). Isso exige daqueles que vão implementá-lo (alunos e agentes educativos) uma conversão - não mera mudança, - de mentalidade, de sentimentos e de atitudes. Ora, de modo geral, a educação que os dirigentes, educadores e técnicos educacionais recebem em casa e na escola não seguia este estilo pedagógico, o que explica a dificuldade que eles encontram para compreendê-lo e praticá-lo. Em segundo lugar, porque, fruto de uma cultura predominantemente teórica e muitas vezes instrumental e utilitária, os programas de formação continuada que os agentes educativos encontram, concentram-se em conteúdos cognitivos, sem espaço para a dimensão afetiva, para a imaginação, para a criatividade, considerada impertinente.

O Prólogo de Pedagogia Inaciana esclarece que a renovação pedagógica das instituições educativas jesuíticas consta de dois eixos: o documento e programas práticos que serão organizados para os educadores assimilarem e implementarem-na, com proveito.

A Pedagogia Inaciana pode encontrar nos Exercícios Espirituais a escola de formação de que necessita pois, na verdade, seus objetivos se identificam e seus métodos se assemelham. Mais que pelo desempenho acadêmico ou competência dos seus agentes, a Pedagogia Inaciana quer primar pela qualidade de vida e a formação integral de homens e mulheres conscientes, competentes e compassivos, que assim se distingam em sua vida e trabalho (C: 37). Mediação para tal é o estudo da criação, através do qual Deus pode ser encontrado e acolhido pelo ser humano que se sente impulsionado a tornar-se seu colaborador. Os Exercícios visam não a uma satisfação devocional da pessoa, mas à transformação do seu modo habitual de pensar, sentir e atuar, para empenhar-se como colaboradora de Deus na obra da criação, mediante um conhecimento interno de Jesus Cristo, a identificação progressiva com Ele e a solidariedade com as outras pessoas. Pela oração e pelo estudo a pessoa encontra e 'elege' a vontade de Deus para segui-Lo.

Reiteradas vezes a Companhia de Jesus tem exortado os agentes da pedagogia inaciana a realizarem a experiência dos Exercícios Espirituais, como condição de apropriação da sua seiva inspiradora, como um meio de conhecer melhor a Cristo, amando-O e seguindo-O...para compreender a visão de Inácio como o espírito que move a educação da Companhia (C. 65). Falando aos amigos e colaboradores da Companhia de Jesus, Kolvenbach (1992: 607) ressalta o valor dos Exercícios, justificando-os e ampliando seu alcance:

...[Eles] têm transformado muitos corações e muitas vidas e têm sido fonte de importantes mudanças sociais e culturais. Não são um sistema rígido, fechado; pelo contrário, são flexíveis e podem ser adaptados às pessoas de distintos estágios na caminhada espiritual e a diferentes programas de acompanhamento das pessoas na vida ordinária. A experiência mostra que cristãos não-católicos podem tirar bom proveito dos Exercícios e estes também podem ser adaptados para ajudar os não-cristãos. Estou pessoalmente convencido de que não temos nada melhor para oferecer. Convido-os a fazerem melhor uso deles, e espero que muitos de vocês aprenderão a usá-los para ajudar os outros, como alguns já o têm feito. Insisto também que vocês reivindiquem de meus irmãos jesuítas, com os quais trabalham lado a lado, a compartilhem com vocês a espiritualidade de Inácio de Loyola, especialmente os Exercícios Espirituais (Trad. nossa).

A compreensão dos Exercícios como uma escola de formação e como uma experiência de renovação de vida, não restrita ao meio católico, permite propô-los, em diversas modalidades, a todo o conjunto dos agentes da Pedagogia Inaciana: jesuítas, religiosos de outras congregações e leigos; dirigentes, professores, técnicos pedagógicos, funcionários, alunos e pais. A ampla produção bibliográfica dos diversos Centros de Espiritualidade Inaciana sugere as condições e o modo correto e frutuoso de realizar os Exercícios, situando-os no nosso tempo e espaço.

Parece ser esta a hora de se sacudirem temores e preconceitos quanto à possibilidade de os leigos fazerem a experiência dos Exercícios, mesmo na forma integral, de 30 dias. Bingemer (1996: 74) é enfática a respeito:

...há muito que deveríamos ter aprendido que quando há desejo, há criatividade, força de vontade e capacidade para arranjar as coisas a fim de que a experiência seja possível. (...) Há que perder o medo e superar o preconceito que toma várias conotações e matizes: que se trata de uma experiência muito forte para o leigo, que um leigo não agüenta passar tanto tempo longe de sua casa e seu trabalho, que um leigo está muito ocupado e portanto isto não é para ele. Para quem será, então? Se Santo Inácio os viveu, ensinado pelo Senhor, sendo leigo? E se os primeiros a quem os deu eram todos leigos? Se os Exercícios não são para os leigos, para quem serão? Não

pode haver em nossas mentes e corações a barreira das impossibilidades que dizem que as experiências espirituais mais exigentes da Igreja não são para os leigos.

Cabe, por conseguinte, às instituições educativas, conscientes da importância da escola dos Exercícios, buscar as condições de pessoas, tempo e financiamento para que o maior número possível dos integrantes de suas comunidades educativas possa frequentá-la habitualmente, com liberdade e proveito, sem constrangimento nem pressão econômica.

Contudo, convém notar que, embora freqüentemente recomendados, os Exercícios só podem ser realizados no âmbito da liberdade. Desta forma, como alerta o P. Francisco Ivern, no Projeto Educativo (1999, n. 109) dos colégios da Província do Brasil Centro-Leste: A abertura para fazer um retiro... não pode se tornar um requisito para o emprego de um professor, auxiliar ou funcionário, do mesmo modo que exigimos deles a aceitação ou, pelo menos, o respeito da identidade cristã e católica da instituição na qual pretendem trabalhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAKER, James (1981). Ministerios de seculares e religiosos: hacia un plan de colaboración. In: Educación Jesuítica. Su inspiración: La espiritualidad ignaciana. Roma, CIS (Centrum Ignatianum Spiritualitatis): 109-28.
2. BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (1996). A Pedagogia dos Exercícios Espirituais na caminhada das CVX. In: Itaici Revista de Espiritualidade Inaciana, Centro de Espiritualidade Inaciana de Itaici. S. Paulo, Ed. Loyola 24: 69-75, junho de 1996.
3. Características da Educação da Companhia de Jesus. Secretariado de Educação da Companhia de Jesus, São Paulo, Ed. Loyola, 1986. 107 p.
4. CONGREGAÇÃO Geral XXXIII. Decretos e Documentos (1984). São Paulo, Ed. Loyola.
5. KLEIN, Luiz Fernando (1997). Atualidade da pedagogia jesuítica. São Paulo, Ed. Loyola, 171 p.
6. _____. (1998a). A formação do professor à luz da pedagogia inaciana. In: A pedagogia inaciana rumo ao século XXI. 2º Congresso Inaciano de Educação. São Paulo, Ed. Loyola (Col. Documenta SJ,14): 131-158.
7. _____. (1998b). Formação permanente do professor (1998). In: Revista do CEAP, Salvador, Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica, 21: 67-86, junho.
8. KOLVENBACH, Peter-Hans (1992). To friends and colleagues of the Society of Jesus. In: Acta Romana Societatis Iesu, Roma, Cúria Geral dos Jesuítas, XX (IV): 600-07.
9. LOYOLA, Inácio de (1985). Exercícios Espirituais de Santo Inácio. São Paulo, Ed. Loyola, 222 p.
10. METTS, Ralph (1997). Inácio sabia. Intuições pedagógicas. São Paulo, Ed. Loyola, 222 p.
11. NEWTON, Robert (1989). Reflexões sobre os princípios pedagógicos dos Exercícios Espirituais. In: Jornada latinoamericana sobre as Características da Educação da Companhia de Jesus. São Paulo, Ed. Loyola (Coleção Documenta SJ, 7): 101-134.
12. Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática. Secretariado de Educação da Companhia de Jesus, São Paulo, Ed. Loyola, 1993. 119 p.
13. Projeto Educativo (1998). Associação dos colégios jesuítas da Província do Brasil Centro-Leste. São Paulo, Ed. Loyola, 78 p.

14. THOMAS, Joseph (1992). O Segredo dos Jesuítas. São Paulo, Ed. Loyola.

[1] Sacerdote jesuíta, Mestre em Teologia pela PUC/RJ e Doutor em Educação pela USP, pesquisador do Centro Pedagógico Pedro Arrupe, do Rio de Janeiro. É autor de livros e artigos, entre eles Atualidade da Pedagogia Jesuítica (São Paulo, Ed. Loyola, 1997).

[2] Robert NEWTON (1989) e Joseph THOMAS (1992) desenvolvem, de modo conciso e extensivo, respectivamente, a relação entre ambos documentos. Ralph METTS (1997) fundamenta essa vinculação com aportes psicopedagógicos contemporâneos.

[3] A parte principal terá sido escrita em Manresa, de setembro de 1522 a fevereiro de 1523.

[4] Em Atualidade da Pedagogia Jesuítica (Klein, 1997) apresento uma extensa bibliografia sobre a Pedagogia Inaciana.

[5] As referências aos documentos Características da Educação da Companhia de Jesus e Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática, serão feitas com a abreviatura da obra e o número marginal do documento desta forma. Ex.: (C. 45) e (P. 18).

[6] Ao longo do texto Pedagogia Inaciana, em itálico, caracteriza o documento publicado em 1993 e, em fonte comum, o movimento de renovação de que estamos tratando.

[7] Certa redução da Pedagogia Inaciana ao Paradigma Pedagógico Inaciano deve-se, também, ao título do documento em que ele é apresentado: Pedagogia Inaciana. Uma proposta prática.

[8] Inácio, diz NEWTON (1989: 126), deixou a experiência de tal modo que a pessoa não só experimenta a Deus, mas sai do retiro tendo absorvido e praticado os meios pelos quais poderá renovar e aprofundar essa experiência.

[9] As referências ao livro Exercícios Espirituais (Loyola, 1985) serão feitas pela sua numeração marginal.

[10] Modus Parisiensis é o método pedagógico articulado e progressivo que Inácio e seus companheiros experimentaram durante seus estudos em Paris (Klein 1997: 25).

[11]O centro de educação jesuíta dos Estados Unidos, havia iniciado, nos anos 70, o programa Colóquio sobre o ministério do ensino (Colloquium on the ministry of teaching), cuja dinâmica, prevista para cerca de quatro dias, leva os educadores a reconhecerem e compartilharem suas memórias, sentimentos e desejos com respeito à própria vida e trabalho na educação, considerada um serviço na Igreja (Baker, 1981). A abordagem do ser humano em todas as suas dimensões passou a desencadear uma variedade de programas formativos.

[12] As Anotações constam de vinte esclarecimentos e conselhos que Inácio oferece ao Orientador dos Exercícios a respeito da estrutura geral da trajetória; do conceito, tipos e condições dos exercícios, de exercitantes e de retiros; do papel do Orientador e do discernimento dos espíritos (Loyola, 1985: 11-25). As Adições são dez recomendações sobre o modo e as condições favoráveis para rezar, procurando ajudar o exercitante a melhor fazer os exercícios e melhor encontrar o que deseja (Loyola, 1985: 57-62). As Anotações e as Adições, configuram propriamente o método dos Exercícios.

[13] Intitulado A Pedagogia Inaciana rumo ao século XXI, o congresso realizou-se em Vila Kostka, Indaiatuba (S.P.) de 18 a 21 de julho de 1997.

[14] Discernimento é prática antiga da espiritualidade cristã que consiste na distinção das forças interiores e dos apelos externos que favorecem ou impedem a pessoa de entender e cumprir a vontade de Deus. A partir da sua experiência espiritual e dos estudos, Inácio de Loyola dotou esta prática de regras que ajudam a pessoa a identificar os apelos de Deus pelo exame das moções interiores de consolação e desolação e pelo exame das razões pró ou contra determinada decisão a tomar. O método pode ser utilizado a nível individual, comunitário e institucional.

[15] São elas: O Chamamento do Rei Temporal (EE: 91-100), Duas Bandeiras (EE. 136-148), Três Classes de Homens (EE. 149-157), Três Graus de Humildade (EE. 165-168) e Contemplação para alcançar o amor (EE. 230-237).